



POLÍTICA OPERÁRIA

Unir a classe operária em defesa dos salários, empregos e direitos trabalhistas

O custo de vida sobe, e os salários descem. A inflação medida pelo INPC (Índice Nacional dos Preços ao Consumidor) é de 10,42%. O arroz subiu 33%, e o feijão, 18%. O óleo de soja, 68%; as carnes, 31%. O gás de cozinha aumentou quase 30%. Se os preços dos remédios eram proibitivos para boa parte da população, com os aumentos, se tornaram impossíveis para um número maior de trabalhadores. A gasolina e o diesel estão nas alturas. Uma cesta-básica mixuruca custa R\$ 664,67. Portanto, consome mais da metade do salário mínimo, que é de R\$ 1.100,00. O Dieese calcula que o valor do salário mínimo, para cobrir todas as despesas de uma família de 4 pessoas, deveria ser de R\$ 5.583,90.

O que temos, no entanto, são os preços aumentando rapidamente, sem que os salários sejam reajustados. O problema não fica nisso: 14,8 milhões de trabalhadores não acham emprego. E 34,7 milhões sobrevivem na informalidade, isto é, não têm salário fixo e não têm carteira assinada. Com a Pandemia, os patrões aproveita-

ram para demitir, reduzir os salários e quebrar direitos.

Ou a classe operária se une e luta pelo aumento dos salários, pelos empregos e pelos direitos, ou terá de suportar o peso maior da pobreza, miséria e fome. Aí entra a responsabilidade das direções sindicais. Ou essas direções continuam colaborando com os capitalistas exploradores, ou colocam nossos sindicatos para unir a classe operária em defesa das reivindicações.

O Boletim Nossa Classe defende a união e a luta. Exige que as centrais e sindicatos iniciem imediatamente um movimento: 1) pelo aumento geral dos salários, por um salário mínimo que atenda todas as necessidades da família trabalhadora, e reajuste automático de acordo com a alta da inflação; 2) pela redução da jornada de trabalho, sem reduzir os salários, para assim abrir milhões de postos de trabalho, fim da terceirização, efetivação de todos os terceirizados, e estabilidade no emprego; 3) pela derrubada das reformas trabalhista e previdenciária, que eliminaram antigos direitos trabalhistas.

Campanha salarial dos metalúrgicos

Se continuar assim, não teremos aumento salarial e não garantiremos os empregos

Depois de um mês do início da campanha salarial, as direções sindicais vêm realizando as fajutas assembleias por fábrica, para apresentar um balanço das “negociações”. Repetem a mesma ladainha de anos anteriores: os patrões estão inflexíveis, querem parcelar o INPC, recusam-se a conceder um aumento real, falam em rebaixar o teto e o piso salariais, e não estão dispostos a renovar a Convenção Coletiva. É preciso que as direções sindicais mudem imediatamente o norte da campanha salarial, organizando um movimento unificado, e disposto a ir à greve, se o patronato continuar a rejeitar nossas reivindicações.

Proposta da Chapa Opção Democrática

A chapa “Opção Democrática” apresenta aos companheiros e companheiras da Volks a seguinte proposta sobre como deve ser organizada a campanha salarial:

1) A Chapa “Opção Democrática” considera que a direção do sindicato comete um grave erro ao dividir os metalúrgicos do ABC em vários grupos (montadoras,

autopeças, fundição, grupos 9, 10 etc.) na campanha salarial. A divisão enfraquece a luta em defesa dos salários, empregos e direitos;

- 2) Defendemos uma campanha salarial unificada, com pauta de reivindicações e plano de luta unificados;
- 3) Que sejam aprovados, na assembleia geral que define a pauta, os valores e o índice (de reposição da inflação + aumento real dos salários), a serem reivindicados aos patrões. Atualmente, ao contrário, a direção vai para a negociação sem proposta dos trabalhadores, e traz a proposta apresentada pelos patrões;
- 4) Que o piso salarial – o salário mínimo dos metalúrgicos do ABC – seja suficiente para manter as necessidades dos trabalhadores e suas famílias. Segundo o Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), o valor do salário mínimo deve ser de R\$ 5.583,90. Sabemos que esse valor é ainda insuficiente, mas o valor do piso salarial deve ser calculado, definido e aprovado pelos próprios

- trabalhadores, nas assembleias presenciais;
- 5) Estabilidade no emprego a todos os trabalhadores;
 - 6) Renovação de todas as cláusulas sociais, segundo as necessidades dos trabalhadores.

O Boletim Nossa Classe apóia essas propostas da carta “Opção Democrática”, de oposição à direção do Sindi-

RECAP CHANTAGEIA OS OPERÁRIOS

A Refinaria de Capuava ameaçou a troca da escala dos operários. Quer reduzir o número de dias de folga. Para isso, a empresa faz uma chantagem. Que os operários assinem um termo para abrirem mão dos valores que têm a receber de um processo trabalhista contra a empresa. O patrão joga com a divisão da classe, pois, uma parcela de operários não tem valores a receber, porque vieram de outras localidades. O sindicato entrou com ação judicial e conseguiu uma liminar que impede a mudança.

O Boletim Nossa Classe denuncia a jogada da empresa, que procura enganar os operários. Nossa luta é para aumentar os direitos, e não para diminuir. O direito aos dias de folga é sagrado. E o direito de receber os valores do processo trabalhista também é sagrado. Está claro que não podemos aceitar a chantagem patronal. O Boletim Nossa Classe alerta que até a decisão liminar da justiça pode ser revogada ou descumprida. Temos de exigir do sindicato que prepare a greve, se for necessário. Os operários devem confiar somente na sua força de luta coletiva, a única que pode garantir de fato as reivindicações.

Campanha do Boletim Nossa Classe Por um Dia Nacional de Luta, com paralisações e bloqueios

A alta do custo de vida, as demissões, o desemprego e o subemprego, bem como a continuidade da Pandemia, exigem que as centrais, sindicatos e movimentos convoquem um Dia Nacional de Luta, paralisando as fábricas, transporte, comércio e serviços. Esse dia deve ser para defender uma Carta de Reivindicações, de proteção dos salários, empregos, direitos e da saúde pública do trabalhador. Para combater o avanço da pobreza, miséria e fome, é preciso um grande movimento nacional e unitário da classe operária e demais explorados, um movimento que unifique empregados e desempregados, efetivos e terceirizados. No dia 2 de outubro, ocorrerá uma nova manifestação da “Campanha Nacional Fora Bolsonaro”.

O Boletim Nossa Classe defende que os sindicatos convoquem assembleias presenciais, para organizar a participação da classe operária. E que lancem uma Carta de Reivindicações, a ser apresentada aos governantes e ao patronato, em um Dia Nacional de Luta.

cato Metalúrgico. Convoca os trabalhadores a discutirem nas fábricas e a tomarem uma posição favorável em defesa de uma verdadeira campanha salarial de luta. Para que seja de luta, é preciso que o sindicato convoque assembleia geral presencial, e unifique os metalúrgicos em um só movimento de defesa das reivindicações comuns.

Trabalhadores do setor pneumático saíram descontentes da campanha salarial

Lutemos contra a divisão patronal, que separa operários efetivos dos operários terceirizados

O setor das pneumáticas já fechou os acordos. O reajuste de 8,90%, dado no mês de junho, já teve uma parte corroída pela inflação de setembro. Portanto, o resultado não agradou, nem os operários efetivos, nem os terceirizados. Isso porque o reajuste não cobriu a alta do custo de vida. E o piso salarial permaneceu muito baixo, principalmente para os trabalhadores terceirizados, sendo que uma boa parte recebe R\$ 1.534,00. O reajuste do ticket refeição ou alimentação das terceirizadas ficou muito aquém das necessidades. Os patrões das terceirizadas também jogaram com o PLR, que é uma forma de não dar aumento real dos salários.

Ocorre que o sindicato dos borracheiros, Sintrabor, fez a campanha salarial dividida por fábricas. Como fez uma campanha salarial dividida, os valores das PLRs e algumas medidas de condições de trabalho não atingem a todos. Sem uma campanha salarial unificada, não foi possível aos trabalhadores usarem de sua capacidade de luta, para impor aos patrões suas reivindicações. A situação é tão calamitosa, que alguns setores das terceirizadas, como a marmoraria e granito, estão cumprindo agora os acordos do ano passado. O que também pode acontecer com o acordo desse ano.

As diretorias dos sindicatos da CUT e da Força Sindical fazem uma apologia de que ganhamos nos acordos coletivos, que somos vitoriosos, mas as notícias que eles mesmos apresentam do aumento do custo de vida, do custo da cesta básica, coloca por água abaixo essa mentira.

As campanhas salariais deste ano têm muita importância, porque a inflação explodiu e os salários estão sendo rapidamente corroídos. Além disso, os pisos salariais estão muito baixos e comprimidos. A terceirização tem servido para aumentar a exploração do trabalho, e generalizar o rebaixamento salarial. No setor das pneumáticas, esse ataque aos salários retrata muito bem a gravidade da situação.

O Boletim Nossa Classe tem lutado para que as campanhas salariais sejam unificadas, que as direções sindicais convoquem as assembleias gerais, para que os operários possam dizer o que pensam e aprovar as propostas de luta. Os trabalhadores efetivos e os terceirizados são uma só classe, por isso, devem fazer parte de uma mesma campanha salarial.